Ano 2.º Numero 75 SEIS PAGINAS Aveiro, 18 de julho de 1912

A LIBERDADE

Republicano-Democratico

Alberto Souto
Director

Rui da Cunha e Costa
Administrador e secretario

PROPRIEDADE DA EMPREZA A LIBERDADE

Redacção, administração e tip.—*P. Luiz Cipriano, R. dos Tavares.* Impressão a vapôr da Tip. Silva—*L. Camões, Aveiro*

EDIÇÃO DO DIRECTOR

CONTRA PORTUGAL

Os monarquistas portuguezes, sem amor patrio, sem pundonor e sem vergonha, servem-se da Espanha, do seu territorio, da protecção dos seus politicos e das suas autoridades, das suas armas e das suas munições, para arremeterem contra a Republica!

A Espanha, inimiga tradicional da nação portugueza, serve-se dos conspiradores monarquistas e da banditagem couceirista para dar em Portugal o ambicionado golpe de morte que lhe garanta a hegemonia na Peninsula, que impeça o nosso desenvolvimento e lhe prepare a absorção ou o aniquilamento da nossa nacionalidade.

Portuguezes: Morram os traidores!

Portuguezes: Morra a Espanha inimiga da liberdade nacional!

Portuguezes: Morra a Espanha inimiga da independencia da nossa Patria!

Cidadãos, soldados: a todos os que teem brios, a todos os que teem sentimentos, a todos os que teem dignidade e coragem, como tantas vezes o provaram no campo da batalha os nossos antepassados gloriosos e como a nossa propria geração, por mil sacrificios e por mil heroismos, o tem provado nos transes amargurados da Patria:

Viva a Patria Livre!
Morra a Espanha reaccionaria!
Viva a Republica Portugueza!

ESPANHA CONTRA PORTUGAL

A reacção contra a Liberdade.—O passado contra o Futuro.—Os opressores contra libertos.

A' quadrilha de salteadores armados em territorio estrangeiro, sob a protecção das autoridades de uma nação rival, com armas e munições saídas das fabricas nacionais espanholas que num arranco de féra esfomeada se veio esmurrar de encontro ás praças portuguêsas da fronteira do norte; á horda de barbaros e assassinos que em algumas povoações se ergueram comandados pela biltragem tonsurada, praticando os mais repelentes crimes e os mais hediondos actos de bandoleirismo, nada temos já que dizer.

A consciencia nacional julgou a sua malandratica selvageria e não crêmos que haja alguem digno de lhe ser dirigida uma palavra nossa que precise neste momento de ouvir mais reprovações desses atentados que só os criminosos desculpam e só os bandidos compreendem.

Escusamo-nos tambem de enaltecer demoradamente a bravura dos nossos soldados, desses herois que em Valença, em Chaves, e em tantos outros pontos do paiz repeliram com denodo singular, com soberba galhardia, o ataque dessa abjecta quadrilha dos traidores da nossa Patria e dos inimigos da liberdade nacional que sopunham serem de lama todos os portuguêses e ser gangrena pestilenta o sangue quente e rubro dos soldados da Republica.

Neste momento canta-se já a vitoria consumada, bela e entusiasmante.

Coroam-se os herois, enaltecem-se os feitos gloriosos, ajustam-se as contas e castigam-se os criminosos.

Mas as armas manteem-se na mão, aperrados os gatilhos, atenta a vista, vigilante o olhar.

O perigo não passou, os ares não desanovearam. A Republica portuguêsa não corre riscos, mas desenham-se ameaças serias contra a integridade da nossa Patria.

* * *

Não atribuimos á escandalosa protecção que o governo espanhol tem dado aos conspiradores monarquistas unicamente um estreito significado politico, de simples interesse de formulas de governo.

A guerra que a monarquia espanhola nos vem fazendo não é dirigida apenas pela realeza e pela sua cáfila reaccionaria contra as nossas instituições republicanas e contra a nossa politica interna, liberal e avançada como as mais avançadas do mundo.

Ha nesta questão, sem duvida alguma, um grande interesse dinastico, mas acima disso ha o interesse nacionalista espanhol e a ambição da sua alta politica que julgou azado o momento para preparar aquele salto de tigre de que o general Weiler se tem feito o paladino, contra a nossa independencia e contra a integridade do nosso territorio.

A Espanha reaccionaria, cuja administração desastrada e cuja inepta politica deixou perder Cuba e as Filipinas, aquela monarquissima Espanha que sofreu as derrotas de Cavite e S. Tiago, quer a todo o transe compensar-se com o territorio português, sua tradicional ambição.

E' certo que a empreza, mesmo diplomaticamente, parece dificil; mas a Espanha lembra-se das audacias da Austria anexando a Bosnia e a Erzegovina, do atentado da Italia conquistando a Tripolitana e dos cubiçosos sonhos coloniais da Alemanha e de outras potencias a quem conviria bem neste momento a desagregação do estado português.

Contrariada na sua expansão em Marrocos pela tenaz resistencia das tribus rifenhas que se batem encarniçadamente em defeza da terra que as viu nascer e tendo pela frente as dificuldades de diplomacia francêsa que não parece mais disposta a deixar-se enganar pelas subtilezas do gabinete do sr. Canalejas, á Espanh convinha hoje mais do que nunca a guerra civil em Portugal e sobretudo derrubar um regimen que se propôz fazer a reorganisação das finanças, do exercito e da armada, como bases essenciais do desenvolvimento, da expansão e da prosperidade do povo português.

A Espanha do sr. Canelejas treme, e com razão, das nossas aspirações de progresso e, tendo visto, com perversa inteligencia, o caminho aberto ao nosso paiz pelo movimento de rejuvenescimento que se vai operando entre nós depois do 5 de outubro, tomou a resolução de o impedir, fomentando a perturbação, dificultando a marcha da Republica, auxiliando os conspiradores e procurando a paralisação dos nossos negocios e a nossa completa ruina.

A Espanha do sr. Canelejas vê bem os esforços sinceros que nós estamos fazendo para nos erguermos do marasmo em que temos vivido.

A Eespanha do sr. Canelejas vê bem a situação preponderante que Portugal, com o imperio colonial que possue, poderá adquirir dentro em breve na Peninsula e na Europa se nos soubermos governar e se nos soubermos conduzir.

A Espanha do sr. Canalejas vê bem a importancia que os nossos portos e as nossas posições comerciais e militares do Atlantico vão adquirir com o rumo que a civilisação europeia e o movimento moderno teem levado nos ultimos anos e sobretudo com o aumento das relações da Europa com as Americas e com o Oriente e com a abertura do canal do Panamá.

A Espanha do sr. Canalejas, vê bem que Portugal com um exercito e com uma armada como a Republica está preparando, passará dentro em poucos anos a ocupar na Europa uma posição de destaque, de respeito e de importancia, que lhe vai fazer enorme sombra.

Coberto com uma bandeira que flutue na ré dos mais invejaveis, aperfeiçoados e poderosos *dreadgnouths* e que marche no meio de cerrados batalhões de cavalaria, de infanteria e de artilharia, o nosso comercio tomaria inevitavelmente um desenvolvimento tão rapido e brilhante que bateria o comercio da nação visinha. Portugal teria, fatalmente a hegemonia na Peninsula e á Espanha imbecil, inepta, opressora e retrograda não convem o nosso progresso, não convem a nossa resurreição.

A Espanha do sr. Canalejas viu isto e viu bem.

Tenta então perturbar a nossa vida e prejudicar todo o povo português.

A Espanha ameaça-nos poderosa como se julga, a nós fracos e abatidos, como nos considera.

Mas a Espanha do sr. Canalejas, engana-se.

Engana-se redondamente, juramos-lh'o!

Engana-se como se enganou a monarquia portuguêsa, decrepita, dessorada e velha, em 5 de outubro.

Engana-se como se enganou a monarquia couceirista em 29 de setembro de 1911 e na incursão de Vinhais.

Engana-se como se enganou agora Paiva Couceiro nos ataques a Chaves e a Valença.

Engana-se como se enganou em 1640.

Engana-se como se enganou o grande Napoleão, cujas aguias vencedoras nas mais brilhantes batalhas com os maiores exercitos da Europa, vieram caír feridas pelas escarpas das nossas serras e pelas aguas correntes das nossas ribeiras.

A Espanha do sr. Canalejas, engana-se, juramos-lh'o!

Dentro de Portugal ha um povo que ama entranhadamente a sua Patria; ha um povo que ama loucamente a sua independencia; ha um povo que saberá morrer pela sua autonomia e fazer pagar cara qualquer ameaça contra a integridade do seu territorio.

Se o sr. Canalejas julga o povo português pelos traidores couceiristas, engana-se redondamente. E se quizer experimentar que experimente.

Os nossos mortos erguer-se-ão dos seus tumulos para nos animarem nos combates!

Cantará nas nossas fileiras o estro de Camões!

A espada de Nuno Alvares será empunhada por cada um dos nossos soldados, por cada um dos nossos cidadãos que saberão verter o seu sangue pela liberdade do chão sagrado da Patria Portuguêsa!

ALBERTO SOUTO,
Deputado da Nação.

UMA VITIMA DO DEVER. UM MARTIR DA REPUBLICA

O funeral de Mendonça Barreto

Realisa-se no proximo domingo 21 do corrente, pelas 14 horas e meia, da Estação do caminho de ferro desta cidade para o Cemiterio Municipal

O cortejo, que tem caracter de manifestação nacional, deve revestir a maior imponencia

A cidade de Aveiro vai prestar a derradeira homenagem ao seu glorioso filho João Mendonça Barreto, morto no seu posto, cumprindo heroicamente o dever de funcionario da Republica!

Deve revestir a maior imponencia o funeral do nosso chorado amigo João A. Mendonça Barreto, que, como consta dos convites que a seguir publicamos, se realisa no proximo domingo, nesta cidade, saindo da Estação do Caminho de ferro, para o cemiterio Publico.

O feretro deve saír da Estação de Fafe ás 4 h. e 50 e chegar á estação de Aveiro ás 13 horas do mesmo dia, acompanhado por alguns representantes da familia e amigos do extinto.

No largo e rua da Estação organisar-se-ha o cortejo que promete ser muito concorrido e representar uma verdadeira manifestação patriotica e sentida homenagem de saudade pela memoria do nosso conterraneo que tantas simpatias contava na cidade e nos concelhos vizinhos.

A urna em que vem encerrado o caixão de chumbo com o cadaver de Mendonça Barreto, será conduzida numa carreta dos Bombeiros Voluntarios coberta com a bandeira nacional.

Uma outra carreta conduzirá as corôas e bouquets que forem oferecidos e a ordem do cortejo será publicada na vespera ou no dia do funeral.

As associações, Centro e Batalhão Voluntario conduzirão os seus estandartes.

O Centro Republicano de Estarreja que vem tomar parte no cortejo bem como os de Veiros e Canelas, com as suas bandeiras, oferece uma corôa.

De Agueda, de Ilhavo e de outros pontos do distrito, bem como de Lisboa, virão representantes de varios centros e comissões.

De Lisboa devem vir tomar parte no funeral os nossos amigos srs. dr. Barbosa de Magalhães e Augusto José Vieira, deputados da Nação.

A guarnição militar incorporar-se-ha tambem, se o ministro da guerra o permitir, com a banda do 24 que executará uma marcha funebre expressamente escrita pelo seu distinto regente, sr. Alves.

No cemiterio, junto do monumento dos Martires da Liberdade, serão proferidos os discursos, falando alguns amigos do extinto e representantes de varias colectividades. Sabemos já que usarão da palavra Mario Duarte, Barbosa de Magalhães, Alberto Souto, etc.

* * *

Em Cabeceiras de Basto foram prestadas a Mendonça Barreto todas as honras. O seu funeral foi uma grande manifestação de sincera homenagem pela grandeza do seu sacrificio.

Mais de 2:000 pessoas o acompanharam ao cemiterio da vila, onde o ilustre comandante do 5, sr. coronel Alexandre Sarsfield e o dr. Florencio Lobo, presidente da Camara, proferiram eloquentissimos discursos.

Aveiro, em seu nome e em nome da Nação vai prestar tambem a Mendonça Barreto todas as honras.

Bem as merece quem soube morrer no logar que a Republica lhe confiou, sem arredar um passo, sem ceder um palmo, cumprindo o seu dever até á hora da morte.

* * *

Na 4.ª pagina publicamos os convites do Grupo de Defeza da Republica de Aveiro e da redacção da *Liberdade* para o funeral de João Mendonça.

Ler na 2.ª e 3.ª paginas: *Recordando. As Forcas, de Oliveira Martins. Varias reproduções de artigos d'«A Liberdade» sobre a conspiração e a administração monarquicas.*

=†=

Ler na 4.ª pagina: *Os assassinatos monarquicos. Como foi morto Mendonça Barreto. Entrevista com um sobrinho do assassinado.*

RECORDANDO

O que pretendiam os bandidos restaurar?

A monarquia miguelina? A forca? Os fuzilamentos? O santo oficio? A inquisição? O retrocesso? O passado? A ignominia? Sim, com a administração do constitucionalismo, os vicios dos Braganças, os crimes e os erros da monarquia dos adeantamentos! Sim, com o punhal, o veneno, a traição, a desordem e o assassinato! O sangue e a roubalheira, a opressão e o jesuitismo!

AS FORCAS

A' moderação de Povoas no Porto respondeu o governo creando os tribunais especiais por todo o reino: inquisição politica para descobrir e julgar os crimes de apostasia ou de tibieza na religião ardente do absolutismo apostolico. Para o Norte foi uma Alçada bem escolhida, de magistrados que não mentiram, como o general mentira, aos desejos sanguinarios da rainha e dos seus sequazes.

Emquanto no Porto a Alçada dispunha as cousas para a tragedia de 7 de maio (1829), em Lisboa o episodio de uma sedição abortada veio acirrar ainda mais a exaltação dos energúmenos. Palmela, de volta a Londres com os tres mil emigrados ás costas, vendo-se burlado pelos amigos toris a quem tão bem servira no Porto, dispondo do dinheiro do Brazil e corrigido pela proclamação francamente revolucionaria de D. Pedro (25 de julho de 28) reconheceu a impossibilidade de fazer cousa alguma com D. Miguel, a quem os toris decididamente protegiam. O proprio que sufocara a Junta, era quem seis mezes depois apelava para uma sedição em Lisboa.

D. Miguel jazia então doente no leito, e os absolutistas andavam desnorteados na iminencia de uma crise. O momento era azado, mas tudo o mais adverso. A conjuração foi uma farça triste e ridicula, apenas tomada a serio pelos juizes ferozes que enforcaram alguns desgraçados.

Em Lisboa, que era o fóco do miguelismo, não havia já um soldado de que se podesse esperar. O exercito fôra expurgado: tinham regressado os apostolicos de Espanha, tinham emigrado os regimentos liberais, e além da Linha, havia a coorte fiel e decidida dos Voluntarios, já organisados em todo o reino. Palmela gastou vinte e cinco mil libras com intrigantes e com a brigada de marinha, (Maia, *Mem.*) o corpo mais plebeu, menos militar de Lisboa, formado com o refugo do recrutamento do exercito, e cujos soldados, vestidos á francesa — calça branca, talabarte com espada, casaca asul aberta com bandas vermelhas e grande barretina com penacho vermelho colossal *(Sketches of port. life*, anon.) — eram os queridos das tabernas, nas vielas da reputação má, arruaceiros e bebedos. Tal era a tropa com que Palmela se dispunha a sublevar Lisboa.

Como chefes, que foram sugando o diplomata emquanto a comedia durou, havia um rapazote estrangeiro sem merito nem credito, havia fidalgas, havia a bordo de uma fragata no Tejo o antigo Ferreira Borges, perdido e desacreditado para todos os partidos. (Maia, *Mem.*) Fôra o procurador da companhia dos vinhos nas côrtes de 20; e depois, retirado em Londres, redigira o *Popular* e o *Correio interceptado*, onde á morte de D. João VI defendera a legitimidade de D. Miguel, desdizendo-se mais tarde em Paris nas *Duas palavras* a favor de D. Maria II. Ferreira Borges planeava repetir no dia 9 de janeiro um 1.º de Dezembro, e o caso era tão sério que ninguem o ignorava em Lisboa, todos riam, e os garotos da capital comentavam. (Maia, *Mem.)*

Não riram porém os juizes ferozes que, para se vingarem em alguem, escolheram entre os réus uma creança de 19 anos, (Chaby V. *Excerptos histor.* notas) Os intrigantes, vendo o ar tragico da farça, escaparam com o dinheiro sacado a Palmela. (Maia, *Mem.*) com medo de João Paulo Cordeiro que positivamente prometia «fazer em azeite os malhados todos e alumiar-se com ele». (*Apont. da vida, etc.*) Foi a 6 de março que os cinco infelizes condemnados á forca (Moreira, Braga, Perestrelo, Chaby, Scarnechia) padeceram no caes-do-Sodré. Houve festa nesse dia nas casas donde se via a função: visitas, doces, copinhos de licôr; e as damas que adoravam a rainha, vestidas de azul e vermelho, debruçavam-se das janelas, de oculo, como num teatro, para ver a morte dos desgraçados balouçando-se na forca. (*Apont. etc.*)

Com os réus de morte vieram mais seis, degradados por toda a vida para a Africa, e condenados a assistir á execução: um era filho do brigadeiro Moreira, da Marinha, que observou a cabeça do pae espetada no patibulo. Além dos enforcados, além dos degradados, houve outros mortos: a viuva do brigadeiro, de aflição, e o pae da infeliz creança executada que se suicidou...

Palmela reconheceu então que o unico destino da gente que o incomodava em Inglaterra era expedil-a para o Brazil—se D. Pedro e os brazileiros os quizessem lá.

A forca pede forcas—tradução revolucionaria do fatigado adagio latino. Dois meses depois da tregedia de Lisboa veio a do Porto, remate das obras meritorias da Alçada no dia 7 de maio.—(Desse tribunal resultou o pronunciamento de 8:247 pessoas, das quais 12 foram enforcadas (6 de maio e 9 de outubro), 48 morreram nas cadeias, 244 foram degredadas, 32 estavam ainda na cadeia em 9 de julho de 32 á chegada do exercito de D. Pedro. (V. Secco, *Mem.)*

A terrivel sentença condenava dez dos réus a morrerem no patibulo, devendo (com mais razão) partilhar a mesma sorte os contumazes, fugidos para Londres no *Belfast*. Era um longo rol de mortes, comentadas com requintes funebres. As cabeças dos justiçados seriam decepadas, e distribuidas pelo Norte, onde a sedição lavrara, como resposta ao insulto: duas á Praça-nova, nos patibulos, tres a Aveiro, duas á Feira, mais uma á Foz, outra á praça da Cordoaria, no Porto, e a ultima a Coimbra, onde ficou espetada em um pinheiro na praça de Samsão. (M. Carvalho, *Hist Contemp.)* As cabeças dos contumazes deveriam ser pregadas em postes ao longo da praia, entre Leça e a Foz, viradas para o mar—quando as colhessem ás mãos. Carlota Joaquina começava a regosijar-se. Os frades e a plebe tinham trucidado em Vila Viçosa uma leva de 70 presos que ia de Lisboa para Elvas: (Monteiro, *Hist.)* era um processo ainda mais sumario do que o dos tribunais mixtos!

Com os condenados á forca havia no Oratorio outros, com a pena já comutada em degredo como Pestana, ou em prisão perpetua como Bandeira, o Bocage minhoto em quem brotava a *vis* poetica popular. Por um requinte de crueldade deixavam-nos agonisar no Oratorio, para só depois lhes dizerem que, forros da morte, deviam assistir de alva e corda á morte dos companheiros... Eles no Oratorio resavam, choravam; e o minhoto *liberal*, com a velha religião abalada, ouvia cantar dentro de si o antigo genio *celtico*, vago, de uma natureza mística

Quando sobre a negra escada
Vires meu corpo tremer,
Dá desconto á natureza
Adeus, Marcia, eu vou morrer!

Na manhã do dia 7, pelas dez horas, saíram processionalmente da Relação para a Praça-nova onde havia duas forcas armadas: eram demasiado para uma só. Tropas abriam o prestito; depois a irmandade da Misericordia com o seu painel erguido; em seguida padres e frades, psalmeando latim funebre num canto-chão rouco; logo a tumba, pintada de negro com os emblemas mortuarios herdados do paganismo: a ampulheta, a foice, a caveira; depois um alto crucifixo erguido, com a figura voltada para os réus que vinham ladeados de frades, arrastando-se vivos ou agonisantes, nas suas alvas longas, de capuz caído sobre as costas, com a corda que os afogaria passada á cintura, ligada num molho sobre as espaduas, e um pequeno crucifixo nas mãos atadas...

Adeus, Marcia, eu vou morrer!

Tropas encerravam o cortejo, e depois delas o povo cantando em côro—Miserere! Miserere!

No dia 7 a plebe cantava tambem, em salvas estrepitosas—Viva D. Miguel I! e das janelas dos Congregados e dos Loios respondiam, acenando lenços, os frades e toda a gente que as atulhava, debruçada para assistir á função. (Monteiro, *Hist.*) Mas pelas ruas as lojas tinham-se fechado, as calçadas viam-se desertas, e a solidão, o silencio da cidade diziam tambem—Miserere! Miserere!

Na Praça-nova havia duas forcas. Esses patibulos eram uma construção simples: dois madeiros a prumo, enterrados solidamente no chão, e uma trave horisontal, ligando-os nos topos. Da trave ao chão, uma escada larga, onde coubessem os dois carrascos, o paciente e o frade. Em roda dos patibulos estavam os condenados, nas suas alvas, com a cabeça e os pés nus, e dois ou tres padres confessando-os, absolvendo-os em nome do ceu proximo, dependente de um nó corrido na garganta. E os frades sabiam, viam, claramente, sem á minima duvida, o que estava para além desse nó: glorias inefaveis, eternas!—mas desmaiariam, como abatidos, quasi mortos, desmaiavam os condenados...

Adeus, Marcia, eu vou morrer!

se os condenassem, a eles, á eterna gloria...

De um lado ficavam os meirinhos e escrivães, de capas e batinas negras, calção, meia e sapato afivelado, «para pôr sua fé no feito» como diz a Ordenação, de outro os clerigos, em côro, num tom de rufar de trovões distantes, psalmeavam: *De profundis clamavi ad te... De profundis*... Os carrascos, nos degraus das escadas, esperavam; e em quadrado as tropas, enfileiradas, de arma ao hombro, formavam um cordão unido, monstro dentado de baionetas, de cujas escamas de aço o sol, indiferente á loucura humana, tirava faíscas. Dizia-se um nome, e o carrasco apoderava-se de um homem, seguido por um frade resando-lhe ao ouvido...

Este corpo que abraçaste
Que já foi o teu prazer,
Vae tornar-se em pó, em terra,
Adeus, Marcia, eu vou morrer!

Subiam as escadas; a meia altura, o carrasco tapava a cabeça ao desgraçado vestindo-lhe o capuz branco, pendente nas costas, atava-lhe os dois pés... Rapido! Breve! passava-lhe o nó na garganta, enrolada a corda na trave da forca, e sobre o vulto branco, sem forma viva, nem vida talvez, erguia a perna, montava nas saliencias já moles dos ombros, com o pé afastava-se da escada... a figura singular do homunculo a cavalo num fardo branco, baloiçava-se no ar, sem um ruido, placidamente. Não era mister que os tambores rufassem, porque os clerigos rufavam o seu cantochão — *De profundis clamavi ad te, Domine*... e a plebe na rua e as senhoras nas janelas soltavam aclamações: Viva D. Miguel I! Viva a Santa Religião!

Enforcar um homem gastava meia hora, e como eram dez, em duas forças, o serviço acabou pela uma.

Quando os juizes mandavam que os corpos fossem queimados, ao lado das forcas havia a fogueira. Era uma pilha de tojo e barris de alcatrão, e sobre ela uma plantaforma de taboas, onde os carrascos iam depôr os vultos brancos enforcados. Lançava-se fogo, e a labareda subia; de começo nada incitava a curiosidade, mas assim que a chama rebentava os laços dos pés e dos pulsos, começava-se a ver erguerem-se as pernas, os braços—dir-se-ia para o céo, pedindo perdão, ou vingança! A plantaforma lambida de chamas era uma ceara de membros humanos que a labareda movia, como a aragem faz pelos campos os rebentos das arvores ainda tenros. Pareciam vivos, os mortos... E depois de tudo consumido, e apagada a fogueira, o carrasco ia cumprir a formula juridica, tomando um punhado de cinzas, dispersando-o ao vento, ou lançando-o ao mar. *(Sketches, etc.)*

No Porto não houve queima. A sentença, mandando apodrecer os cadaveres nas suas covas, dava-lhes um destino similhante ao dos vivos que os personagens mandavam apodrecer sobre as palhas imundas e piolhosas do barracão de Plymouth. Era o que restava da Junta; era o rasto dessa viagem do *Belfast*, singular, aventurosa...

A forca trabalhava na Praça-nova. Descera o primeiro, subira o segnndo, o terceiro, do mesmo modo até dez...

Adeus, Marcia, eu vou morrer!

E o poeta que, na sua alva branca, descalço, com a corda á cinta e o crucifixo nas mãos, assistia ás mortes sucessivas, tinha diante de si um montão de vultos brancos, fardos rolados no chão. Se

... vires meu corpo tremer
Dá desconto á Natureza!

O carrasco sacara do bolso a navalha e curvado ia tirando de cada fardo uma cabeça congestionada e ainda quente. Estavam em linha, nas suas varias fisionomias, esperando o destino marcado na sentença; os troncos decepados eram metidos em caixões, empilhados na tumba negra com emblemas pagãos. A' 1 hora acabára tudo; e sobre a trave, em cada uma das forcas, via-se uma cabeça cortada—para exemplo. Outra estava num mastro na Cordoaria, outra na Foz. As restantes tinham sido distribuidas, como já disse.

Faltavam as dos personagens para bordarem a praia até Leça.

Mais tarde, em 9 de outubro, ainda o Porto viu a execução de mais dois dos réus da Junta. A cabeça de um deles foi mandada erguer num poste deante das janelas da mãe desolada. (Secco, *Mem.)* Eram canibais? Não eram. Eram sómente apostolos: apostolos como o tinham sido mas de uma religião diversa, Robespierre e Fouquier Tinville. Os absolutistas que não ardiam nesse fogo revolucionario, lamentavam, choravam, protestavam contra a sorte do reino entregue ás mãos de um bando de desvairados. E, apesar de vencidos, tanto fizeram, que alcançaram moderar a furia, sem conseguir amansar os loucos. A forca descansou, até que a guerra veiu tornar a aclama-la. Mas o Terror, ou por cobarde ou reprimido, não podendo cavalgar sobre os ombros dos condenados, tornara-se em um sistema perfido e ignobil de perseguições que enchiam as cadeias e engrossavam a expatriação. Perdido o sizo, essa gente, aplaudindo os que fugiam deixando os bens para confiscos e sequestros, deixando *pura* e *limpa* a atmosfera apostolica: essa gente não via que a população do exilio e das cadeias era a nova nação inimiga, irreconciliavel, que todos os dias crescia (1) ganhando forças, e a segurança duma victoria final inevitavel.

Se a crueldade horrorisa, a pequenez vil com que os presos eram martirisados, repugna. Amontuando-os nas masmorras, e picando-os a toda a hora com insultos, maus tratos e tentações, os tiranos esperavam dobrar, *educar* esses animos rebeldes, essas almas pervertidas pelo maçonismo. Quem ensinara tão diverso método? O educador moderno, o jesuita, com o *Directorio* de Almaviva nas mãos. (*Historia de Portugal,* 3.ª ed., II, pp. 83 e segg). D. Miguel, ou quem em seu nome governava, chamára-o para missionar e converter os perdidos. Fr. Fortunato puzera a sua pena ao serviço deles *(O Defensor dos Jesuitas)*. Tinham chegado a Lisboa (13 de agosto, 29) e depois do cerbero da Torre, o Teles Jordão, preparar com inauditas violencias e torpezas o animo dos prisioneiros, foram vel-os, convidando-os, piedosa, cuidadosamente, a renegar arrependidos, os seus erros. (1832, Lopes, *Hist. do capt*).

Oliveira Martins.

(1) O *Courier* calculava assim em julho de 31:

Nas prisões do reino . .	26.270	pessoas
Deportados em Africa. .	1.600	»
Enforcados	37	»
Contumazes	5.000	»
Emigrados	13.700	»

A monarquia e o desenvolvimento economico do paiz

Falando sobre a economia do paiz e analisando as nossas importações e exportações entre os anos de 1880 e 1910, chegámos nós, pelos nossos calculos aqui feitos, á conclusão de que nesse curto espaço de 30 anos tinhamos sofrido uma sangria de 600 mil contos de réis. Vimos que as exportações apenas duplicaram nesse tempo emquanto as exportações triplicaram, o que demonstra o nosso atrazo na produção da riqueza.

Comparámos o nosso comercio geral com o de outras nações da Europa de menor ou egual população e territorio, comparámos a nossa percentagem de analfabetos, os nossos serviços publicos, e os leitores lembram-se talvez dos tristissimos resultados a que chegámos, demonstrando a nossa humilhante inferioridade.

A tatica dos jesuitas

Astutos como são, os jesuitas, escondendo-se bem para não serem vistos manejar a maquina complicada da sua influencia, conseguem sempre arranjar remotos instrumentos da sua arte danada, e pelos mais dissimulados ardis inocular em boas almas perversos intentos, em criaturas ingenuas nefastas loucuras e arranjar assim um exercito de conscientes e inconscientes servidores que lhes vão preparando o terreno para o virus peçonhento da sua ação.

Tôrpe e covarde, habil e prudente, conhecendo bem as paixões humanas e a forma de as fazer mover e aproveitar, o jesuita não perde nem um instante, nem um elemento, para conseguir os seus fins e lançar os tentaculos vigorosos e peganhentos, subtis e fortes, impercetiveis e seguros do seu poderio.

Que pretendem os bandidos?

Os conspiradores o que querem? Restaurar o regimen que esbanjou os dinheiros da nação? O regimen que roubou o povo? Que arruinou o paiz? Que cometeu erros e crimes de toda a especie? Que fez uma divida de 880 mil contos? Que deixou o paiz desiquilibrar a sua economia em 660 mil contos durante 30 anos?

Que nos legou 75% de analfabetos?

Que fez os adeantamentos?

Que nos deixou sem escolas, sem artificies, sem marinha, sem exercito, sem viação, sem portos, sem obras doloniais?

E' isso o que os conspiradores querem restaurar?

Pois se é, vamos a isso, srs. conspiradores da monarquia! Aqui teem as suas razões!

Em que se gastou o dinheiro da Nação?

O que é a nossa divida publica

A monarquia consumiu em 80 anos de constitucionalismo outorgado, além dos rendimentos publicos, 880.000:000:000 réis!—oitocentos e oitenta mil contos de réis!

O sudario dum povo

RESUMINDO:—Soma dos deficits economicos nacionais, diferença entre os importações e exportações de 1880 a 1910—635.636:200:000 réis.

Soma dos deficits financeiros, nos orçamentos gerais do Estado, de 1860 a 1910—réis 330.927:000:000.

Soma das receitas gerais, produto dos impostos e rendimentos publicos de 1860 a 1910 — réis 1.804:045:000:000. — Um milhão, oito centos e quatro mil e quarenta e cinco contos de réis.

Divida publica em 1910—réis 875.870:077:789. (Habit.es 5.500$; analfabetos 4.200$000). Divida de cada habitante—120:479 réis.

Restaurem, pois, a monarquia!

MOVIMENTO POLITICO? NÃO.

Apostasia patriotica, traição de renegados, vingança de inimigos da nação portuguêsa!

A conspiração acoita-se em terra estrangeira, obriga o povo português a constantes despezas de defeza, faz o descredito da sua Patria no estrangeiro, promove alarmes nos fundos, dificuldades nas transacções, desperta cubiças sobre as colonias, preconisa intervenções do estrangeiro e quer fóros de movimento politico!

Quem assim procede não póde ser tratado senão como traidor desprezivel, como criminoso vulgar, réu de todos os crimes, responsavel da desordem e da desgraça de uma nação inteira.

NO PARLAMENTO

OS ROUBOS DA MONARQUIA

Roubos! Crimes! Lama!

Teem sido tremendas as sessões parlamentares.

As declarações dos srs. dr. Artua Costa, Barros de Queiroz, João de Menezes e Afonso Costa sobre adeantamentos, fraudes e roubos feitos á nação pela familia real e seus aulicos, causaram impressão enorme.

O paiz foi governado por uma verdadeira quadrilha de ladrões, disse o sr. dr. João de Menezes!

A comissão de inquerito de que o ilustre deputado faz parte, encontrou ordens de pagamento, recibos ilegais e desaparecimento de dinheiro na importancia de mais de

35.000:000$000 réis!

As esmolas da casa real, a pensão á ama do principe, etc., tudo era pago pelo Estado!

Ha documentos que provam que todas as pessoas que a familia real dizia beneficiar, recebiam não da familia real, mas directamente dos ministerios!

Encontraram-se ordens de pa-

gamento de quantias fabulosas, escritas a lapis!

Para levantar dinheiro bastava uma carta da casa real, uma simples ordem do presidente do conselho, uma miseravel nota a lapis!

De 1880 para traz é extraordinario o que foi roubado dos cofres da nação.

Pelo ministerio da guerra roubaram-se centenas e milhares de contos!

As contas do porteiro serviram para todas as poucas vergonhas. No entanto, o porteiro era honrado e apresenta em ordem todas as suas contas!

Pois houve quem recebesse para carruagens, pela conta do porteiro, 2.000$000 réis!

Nos adeantamentos a particulares não ha menos crimes. O sr. Conde de Lagoaça recebeu 100 contos de réis roubados aos cofres do paiz!

A embaixada á China custou 40 contos!

Obrigaram a condessa de Edla a restituir uma joia de D. Fernando. Depois deram-lhe, para a compensar, uma alta pensão!

Ha particulares que só em 1950 poderão pagar o que devem ao Estado e o que dele receberam a titulo de adeantamentos!

Uma comissão a investigar todas as fraudes e roubos praticados nas repartições do Estado e ao Tesouro Publico, só trabalhando durante 5 anos poderá descobrir todos os crimes e descriminar todas as verbas.

O sr. João de Menezes, que prova as suas afirmações, diz que a Camara e o Paiz teem á sua disposição todos os documentos que provam as suas palavras e o saque feito ao tesouro pela quadrilha monarquica.

A Camara resolveu entregar aos tribunais a liquidação das dividas da familia de Bragança ao Tesouro Nacional.

E não se ha de restaurar a monarquia? Vamos a isso, heroes do roubo, do crime, da lama e da desvergonha!

(Da *Liberdade*, de 31 de agosto de 1911).

Defender a Republica, é defender o futuro da Patria Portuguêsa!

Os proprios monarquicos, se conseguissem derrubar a Republica, não poderiam viver nesse ambiente de crimes, de dissolução e indisciplina em que teem urdido a sua conspirata, e ou este paiz se transformava em suas mãos num covil de criminosos, onde á larga campeava a tirania politica por um lado e o assassinato, a perseguição, a desordem, o roubo, o assalto e a indisciplina por outro, ou eles faziam a ordem politica desterrando e fuzilando os republicanos, os suspeitos e os honestos, fechando os seus centros, suprimindo os seus jornais e faziam a ordem social carregando em todos a começar pelos seus proprios herois que estão recrutados no mais asqueroso das alfurjas.

Acostumados a *dar para baixo* e ás *pontarias ao centro do alvo*, acostumados ás chacinas do Povo como as do 31 de janeiro, as de 1.º de dezembro, do 4 de maio e de tantas outras carnificinas e ás condenações rigorosas dos republicanos como as dos bravos da revolta do Porto, dos nossos jornalistas e dos implicados nas sociedades secretas, eles saberiam o que fazer no caso de vencerem.

Pois é preciso obstar, não a que eles vençam, que para isso tudo lhes faltará emquanto os republicanos quizerem, mas a que a anarquia da conspiração continue perturbando o paiz e pondo em risco a nacionalidade.

E' preciso defender a Republica, porque defender a Republica é defender o futuro da Patria Portuguêsa.

A conspiração monarquica é a dissolução e a desordem!

O que se está passando em Portugal é um sintoma de anarquia e dissolução que amedronta não os paladinos de um regimen, ou de um sistema politico, mas todos os membros de uma sociedade e todos os honestos e sensatos portuguêses.

A divida nacional comparada

A grande obra da monarquia!

Digam os restauradores em que se gastou o dinheiro do povo?

Vejamos o seguinte quadro comparativo que é devéras edificante:

PORTUGAL, divida por kilom. quadrado	7:207$014 réis
por habitante	120$479 »
Holanda—por kilom...	430$038 »
por habitante	2$365 »
Alemanha—por kilom..	2:188$710 »
por habitante	18$216 »
Espanha—por kilom...	3:368$550 »
por habitante	87$056 »
Inglaterra—por kilom..	10:505$817 »
por habitante	71$501 »
Belgica—por kilom....	22:597$039 »
por habitante	88:881 »
Franca—por kilom....	11:036$537 »
por habitante	149$561 »

Donde se conclue que, á exceção dos francêses, cuja divida tem a justificação que aqui lhe temos dado, cada cidadão português deve muito mais que qualquer dos das outras nações muito mais ricas e adeantadas.

Devendo cada português, quer seja uma creança de 2 mezes, quer seja um velho de 80 anos, nada menos de 120$479 réis como parte que lhe pertence na divida nacional, uma familia de 5 pessoas deve nada menos de 622$395 réis de que tem, como nós todos, que pagar os juros e as respectivas amortisações.

Perguntamos: ha alguem que possa provar que o povo português goza dos beneficios materiais ou morais correspondentes a semelhantes encargos e a tão pezados sacrificios?

Ha alguem que possa provar que esse dinheiro foi bem aplicado, em proveito do povo e da nação?

Se ouver quem o prove porque se não ha de restaurar o regimen dos adeantamentos?

Vamos a isso, pois, senhores conspiradores da monarquia?!

MOVIMENTO POLITICO? NÃO!

Maquinações de sicarios, assalto de bandoleiros!

A conspiração promove a desordem das ruas, as explosões alarmantes, a parcialidade dos tribunais, a guerra religiosa, a indisciplina dos quarteis, a rebelião das gentes ignorantes, o envenenamento dos oficiais, o relaixamento dos empregados publicos, o retraimento dos negocios e pretende fóros de movimento politico!

50 anos de gerencia monarquica

50 anos de roubos e perdularismo

Pelos resumos que temos extraído do notavel parecer da Comissão Parlamentar de Finanças, poderão os nossos leitores vêr, mais uma vez, como são bem fundadas as acusações que á administração monarquica temos feito e a razão com que se fez a Republica para pôr um freio ao delirio de perdularismo que nos arrastou para a mizeria e para a vergonha durante esses calamitosos 50 anos de gerencia monarquica.

De 1860 a 1910 gastou-se á farta. Fechavam-se os orçamentos com *deficits* colossais sem a menor preocupação. Aumentou-se assim pavorosamente a divida publica, aumentaram-se cruelmente os impostos, sobretudo para as classes menos abastadas, tornou-se toda a vida interna carissima e dificil sem nunca se cuidar a serio do desenvolvimento da riqueza nacional, antes deixando desbaratar e decaír todas as fontes de vitalidade economica do povo português.

Consumiram-se as receitas publicas, consumiu-se o dinheiro dos emprestimos sem nada de util e de verdadeiramente produtivo se dar á nação que se possa comparar com o que nos outros paizes se encontra.

A burocracia invadiu tudo, dominou tudo, absorveu tudo. Meio mundo se fez empregado publico sem nada fazer, para devorar.

Desde os reis, até aos afilhados dos politicos, tudo devorou á larga. Serviços publicos uma mizeria. Que importava? Os bandos politicos andavam contentes. O dinheiro não chegava para tal regabofe? Que importava? Pedia-se emprestado. Mas isto aumentava as dividas de uma casa cheia de dividas, prestes a falir? Que importava? Era comer emquanto havia. Depois, depois...—a Republica que construa em dois anos aquilo que os outros levaram 50 a devastar!

Povo português, olha para isto!

Homens honestos do regimen passado, vejam-se a este espelho!

E não se ha de restaurar a monarquia?

Vamos a isso, srs. conspiradores. Mas depois de defenderem a honestidade da obra que a monarquia fez, se forem capazes!

Recordemos:

D. Carlos recebeu ilegalmente 3.246:741:916 réis de adeantamentos. Até hoje esse dinheiro não foi pago á nação pelo sr. D. Manoel de Bragança, seu herdeiro.

Será para entrarem com esse dinheiro roubado á nação, nos cofres publicos, que os bandidos conceiristas fizeram a incursão de Chaves, o ataque de Valença e os assassinatos de Cabeceiras de Basto?

OS TRAIDORES

Olho por olho, dente por dente!

O padre Domingos que comandou o assassinato de Mendonça Barreto em Cabeceiras de Basto, aderiu á Republica, fundou um centro *republicano* e dizia-se grande amigo do infeliz administrador do concelho.

Todos os conspiradores de Aveiro pertenceram a um centro que aí fundaram e que pretenderam fazer passar como republicano.

O juiz de Valença, Assis Teixeira, dias antes de fugir para a conspirata da Galiza, tomou parte e discursou num banquete republicano.

Os de Azoia diziam-se amigos politicos do governador civil de Leiria.

Todos os oficiais que estão em Espanha com os conceiristas juraram pela sua honra acatar e defender a Republica.

Paiva Couceiro, o proprio, tinha jurado respeitar o novo regimen.

Todos os portuguezes que entraram em Vinhais, que atacaram Chaves e Valença, conspiraram em terra hespanhola, saíram de territorio estrangeiro para atacar a sua Patria e matarem os soldados do seu paiz, pediram a protecção do governo da Espanha, serviram-se de armas, peças e munições das fabricas nacionais do reino visinho!

* * *

«Mas ai! dos traidores!

Olho por olho, dente por dente. O traidor é a covardia, a infamia, a hediondez. Com esses não transigimos. Repugnante como um dejecto, nojento como a entranha combalida.

Alma de reptil, esterquilinio imponderalisado, ha-de ter por epitafio um escarro, lançado sobre o seu remorso, a sua ignominia, sobre a miseravel lembrança da sua abjecção.

Judas pendurado de uma figueira não encontrou descanço. Açoita-o, baloiçando-o aos assopros brutais do escarneo, ainda hoje, a alma da traição. Persegue-o pela historia, persegue-o pela eternidade.

Evita-o a alma mais leprosa, enxota-o o bandido mais criminoso.

A alma mais leprosa é pura na frente do traidor; o bandido mais criminoso, é santo em seu cotejo.

Que fica do traidor? qualquer coisa que cheira mal quando se lê o seu nome. Para ele nem uma complacencia, nem um momento de descanço. Ai, pois, dos traidores, de todos aqueles que se dizem republicanos para estrangular a Republica, para ferir os republicanos dentro da Republica!»

(Do 1.º numero d'*A Liberdade.*)

RECORDEMOS:

«A Casa Real, em todos os tempos esbanjadora, tem tido nos ultimos tempos muito singulares apertos de dinheiro!»

Disse o orgão monarquico regenerador *Diario Popular*.

Pois a essa Casa Real pretendiam os conspiradores entregar de novo o Paiz que fez a Republica e que quer a Republica porque quer viver e progredir!

A GRANDE ADMINISTRAÇÃO

Glorias monarquicas

A Divida Publica

Vejamos o que, sobre a nossa divida, diz o relatorio da Comissão Parlamentar de Finanças que aqui classificámos de notavel e que, repetimos, precisa de ser conhecida de quantos se interessam pela vida da nação.

«Os emprestimos são uma necessidade resultante na luta entre produtores, entre Estados. São necessidades da civilisação dos povos.

Quanto mais os povos se desenvolvem moral, intelectual e materialmente, mais eles precisam de se precaver contra a concorrencia dos outros.

Se, porém, os governos da monarquia portuguêsa só tivessem contraído emprestimos para ocorrer aos encargos desses melhoramentos, o total da nossa divida publica estaria sem *quantum* muito inferior ao que é na realidade.

Se todo o dinheiro pedido ao credito tivesse tido aplicação nos melhoramentos materiais do país, nada havia a censurar, mas infelizmente tal facto não se deu.

As nossas estradas são poucas e quasi todas más.

A maior parte da rêde ferroviaria está nas mãos dos particulares. A parte que é propriedade do Estado é relativamente pequena e o seu material deixa muito a desejar.

Os nossos portos maritimos, os poucos que se fizeram, são maus ou estão incompletos. A rêde telegrafica, deixa muito a desejar.

O nosso exercito não tem armamento com que possa defender a Patria. Os fortes estão desguarnecidos ou pouco menos.

As belas artes foram completamente descuradas. As nossas escolas não teem material pedagogico.

Em resumo: o dinheiro aplicado a melhoramentos materiais, artisticos, scientificos ou morais, foi pouco, relativamente, e esse pouco, mal empregado.

O pouco que se fez não justifica a enorme divida que nos legaram.

Em *5 de outubro de 1910* a divida do Estado português elevava-se á enorme soma, valor nominal, de réis 875:870:771$789, tendo apenas a atenua-la os titulos na posse da Fazenda que somavam, deduzindo os que estavam consignados a diversos encargos, 213.236:205$000 réis. Assim o total da nossa divida era representado por 662:634:566;789 réis. *Devendo notar-se que a quasi totalidade dos titulos na posse da Fazenda estavam cauccionando emprestimos.* Os disponiveis eram em numero limitadissimo.»

Belezas da administração monarquica

Viva a monarquia!

As receitas arrecadadas nos 50 anos decorridos de 1860-61 até 1909 foram de: 1.899:628:000:000 réis deduzindo as receitas provenientes de emprestimos—95:583:000:000 réis, achamos para as **receitas gerais do Estado:** 1.804:045$000 réis, **as despezas foram de:** 2.134:972:000:000 réis, **o excesso das despezas sobre as receitas:** 330:927:000:000 réis.

* * *

Em 50 anos, pois, as despezas foram superiores ás receitas ordinarias e extraordinarias, excluindo os emprestimos, 18,343 por cento.

A medida anual dos deficits, nos ultimos 50 anos, é de 6:618:540 réis, achando-se todas as importancias provenientes da venda de titulos e de emprestimos aqui inscritos pelas quantias que o Estado efectivamente recebeu, pois se nos servissemos dos seus valores nominais, os **deficits** seriam muito maiores que os indicados.

* * *

E não foi isto uma magnifica administração? Foi! Não pode a ninguem restar a menor duvida. A restauração desses processos de governar e do regimen que assim **se governou** roubando uma nação inteira, está, pois, justificada.

Vá senhores conspirantes, restaurem a monarquia!

Com o clorotico Manuel de Bragança no trono, com fitinhas azues e brancas ou medalhinhas ao pescoço, com os roubos, os envenenamentos, as ladainhas e os assassinatos, esse estendal que aí fica resgata-se de um para outro instante.

Vamos a isso, senhores conspiradores da monarquia!

A conspiração monarquica é feita de odios e vinganças, de crimes e covardias!

Os monarquicos conspiram e a sua conspiração é feita sem escrupulos de nenhuma ordem, sem ordem de nenhuma especie, sem nenhum ideal, sem um só fim alevantado e digno.

A conspiração monarquica é apenas uma conspiração anarquista, no sentido desordeiro e antisocial do termo, perigosa e dissolvente, armada sobre alicerces de odios e vinganças, feita de crimes e de covardias.

Nela entrou já o veneno e a traição, o punhal e o arcabuz, o dinamite e o suborno. O fidalgote desmiolado, o padre rancoroso, o policia facinora, o desertor, o rufia e o ladrão, tudo nela tem acolhimento e guarida!

RECORDEMOS:

D. Maria Pia de Saboia, senhora já falecida e que foi avó dum individuo chamado Manoel de Bragança que reinou em Portugal, recebeu ilegalmente, de adeantamentos feitos pela Direcção Geral da Tezouraria, ás ordens dos ministros da monarquia, a quantia de

1.507:019:676 réis

(mil quinhentos e sete contos, dezenove mil, seiscentos e setenta e seis reis).

Perguntamos neste momento em que uma horda de sicarios assaltou o paiz em nome da restauração dessa monarquia da tranquibernia e do latrocinio: a familia, o filho ou o neto dessa senhora que foi rainha de Portugal pagaram á nação o dinheiro que ministros sem escrupulos lhe deram ilegalmente?

Não. A sua familia queria sentar-se novamente no trono... para roubar e espesinhar mais um paiz que quer ser livre e que quer progredir.

Os monarquicos conspiradores preferem á Republica, prospera e feliz, a desgraça do Povo e a ruina da Nação!

Não ha povo algum que nos tempos modernos e nas condições do nosso possa viver na anarquia em que nós estamos vivendo, promovida pela agitação monarquista.

Bem o sabem os monarquicos, mas eles preferem á Republica fazendo a felicidade do povo, a ruina inteira da nação, a perda completa da Patria que os viu nascer, a miseria e a desgraça do bom povo português que por tempo de mais os tolerou.

Os assassinos!

Santissima corja!

«Toda a gente que vem á Galiza e que não seja conhecida por *parvenus* aristocratas, é imediatamente julgada, se bem que a sentença raras vezes se execute. Só um ou outro infeliz é *batido* e fuzilado! Até agora creio que só quatro ou cinco pagaram com a vida a *audacia* de pizar terras de Galiza!»

Diz o ex-conspirador Abilio Magro. Santissima gente, essa corja de bandidos pela qual suspiram alguns bandidos de eguais figados que a nossa tolerancia ai deixou!

AS GLORIAS DA MONARQUIA

As contas dos adeantamentos

Recordemos:

Quanto recebeu D. Carlos, ilegalmente, de mão beijada dos seus ministros?

3.350:741:916 rs.

(tres mil tresentos e cincoenta contos, setecentes e quarenta e um mil novecentos e dezaseis réis.)

* * *

Foi pago este dinheiro arrancado ao tesouro publico, aos cofres da nação, ao trabalho e ao sangue do povo português?

Não foi. O rei justiçado em 1 de fevereiro entrou apenas com 104 contos para pagar 3.350 contos que ficou a dever e que os seus herdeiros não pagaram á nação portuguêsa.

Bem pelo contrario, os seus herdeiros perturbam com conspirações e atacam com munições estrangeiras o povo que roubaram; obrigam a nação a despezas enormes e aos sacrificios de vidas em nome dos direitos... da mais infame banditagem e da mais deslavada ladroeira!

As perseguições republicanas

O que a Republica fez dos padres que lêram a Pastoral

No distrito d'Aveiro apenas seis parocos lêram a pastoral.

Foram os da Trofa, Alquerubim, Veiros, Murtosa, Bunheiro e Arada, onde nada ocorreu de anormal.

Todos foram presos e metidos no governo civil, onde estiveram até quarta-feira, dia em que receberam a amnistia. No gabinete do governo civil fôram além de muito visitados, otimamente tratados pelas autoridades. Nada lhes faltou. Tiveram amigos particulares, mas tinham tambem um amigo em cada uma das autoridades que com eles trataram.

Ao saírem do comissariado de policia, os reverendos parocos deixaram esta declaração por eles escrita e assinada:

Nós, abaixo assinados, parocos das freguezias de Alquerubim, Arada, Murtosa, Veiros e Bunheiro, da diocese do Porto e da Trofa, da diocesse de Coimbra, detidos no governo civil de Aveiro por havermos lido a pastoral colectiva do Episcopado Português, declaramos sob nossa palavra de honra comprometermo-nos a respeitar d'ora ávante as determinações do poder civil, quaisquer que sejam as ordens recebidas dos nossos rev.os prelados que não versem sobre assuntos estrictamente espirituais. Consignamos a expressão do nosso reconhecimento sincero pela maneira atenciosa e verdadeiramente penhorante por que fômos tratados pelo Ex.mo Governador Civil deste distrito, pelo Ex.mo Comissario de Policia e empregados seus subordinados.

Aveiro e Governo Civil, 8 de março de 1911.

(as.) *Padre Francisco Marques Pires de Miranda.*

Padre Joaquim Tomé dos Santos, paroco de Arada.

Padre Joaquia Tavares de Araujo e Castro, Murtosa.

Padre Manuel Marques Capeleiro e Silva, Veiros.

Padre José Maria Alberto Soares, Bunheiro.

Padre José Eduardo da Silva Matos, Trofa.

Foi-nos pedida ainda a publicação do seguinte agradecimento:

Os parocos que estiveram detidos no governo civil de Aveiro por terem lido a Pastoral Colectiva, profundamente penhorados, veem, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, agradecer por este meio a todos os cavalheiros que se dignaram visita-los durante a sua detenção, particularisando, como é do seu dever, os obsequios e afectuosas atenções que lhes foram dispensadas pelo clero desta cidade e freguezias circumvisinhas e acentuando tambem o seu reconhecimento ao Ex.mo Governador Civil, Ex.mo Comissario de Policia e a todos os empregados seus subordinados pela extrema delicadeza e bondade com que sempre nos trataram.

Aveiro, 8 de março de 1911.

(Seguem as mesmas assinaturas).

Os assassinatos monarquicos

Como foi morto o administrador de Cabeceiras

Nas terras revoltadas.—A marcha da coluna.—A entrada em Cabeceiras.—O assassinato de Mendonça Barreto.

"A Liberdade,, entrevista o sr. Carlos Mendonça, testemunha presencial da ocupação de Cabeceiras de Basto pelas forças republicanas.

Não se desvaneceu ainda a dolorosa impressão causada nesta cidade pela noticia da morte do infeliz administrador de Cabeceiras de Basto, todos desejando conhecer, nos seus tragicos pormenores, a forma como se cometeu esse revoltantissimo atentado.

Para satisfazermos a curiosidade dos nossos leitores, entrevistámos o nosso amigo Carlos Mendonça, sobrinho de Mendonça Barreto e que ha alguns dias chegou de Cabeceiras para onde partiu com a coluna de operações.

—Tive conhecimento da morte de meu tio, diz-nos Carlos Mendonca, por um telegrama dado de Fafe pelo dr. Afonso Henriques, atual administrador de Cabeceiras. Tomei desde logo a resolução de partir para ali a fim de, pela ultima vez, vêr meu tio, que sinceramente estremecia. Parti de Aveiro, segunda-feira, no comboio das 5 horas, cheguei a Fafe pelas 4 da tarde do mesmo dia. Na estação do caminho de ferro, o capitão Beltrão, de infanteria 29, á frente de uma força de 60 praças, impedia que qualquer pessoa seguisse para Cabeceiras. Mostrando o cartão de identidade que amavelmente me havia sido passado pelo ilustre governador civil deste distrito, fui pelo referido oficial tratado com a maior cortezia.

—O sr. não deve seguir hoje para Cabeceiras que ainda se encontra em poder dos revoltosos, diz-me o capitão Beltrão. O mais prudente será acompanhar ámanhã a coluna encarregada de sufocar a rebelião. Espero por infanteria 5 e creia que logo que ali chegarmos, vingaremos a morte de seu tio.

—O capitão Beltrão falava-me com todo o entusiasmo da sua alma de republicano e de patriota. Seguindo o seu conselho dormi essa noite em Fafe. Pelas 4 horas da manhã estava formada na praça da vila uma forte coluna constituida pelo regimento de infanteria 5 chegado poucas horas antes, uma companhia do 29 e uma secção de metrelhadoras (grupo 1). Iniciou-se,então,a marcha, sempre com todas as precauções, seguindo eu em automovel com dois empregados da estação telegrafo-postal de Braga, um guarda-fios, um fiscal do selo, fugido de Cabeceiras na noite da rebelião, e uma praça de infanteria 5. Todos nós iamos devidamente armados e sempre na rectaguarda das forças. Durante o trajecto, os meus companheiros concertavam as linhas telegraficas e até eu proprio os ajudei nessa tarefa.

—Não encontraram nunca os rebeldes ?

—Um pouco antes de chegarmos á povoação de Arco, fômos atacados por um pequeno grupo de conspiradores que disparou alguns tiros na nossa direcção. Démos uma descarga e nunca mais os vimos.

Horas depois acampavamos em Arco. Estabeleceu-se ahi, numa casa particular, a estação telegrafica, visto não ser possivel fazer com rapidez as reparações de que carecia a linha que liga essa vila á de Cabeceiras. As forças dividiram-se, seguindo infanteria 5 pelas montanhas e a secção de metralhadoras pela estrada. Estas forças com 2 esquadrões de cavalaria que de Braga haviam seguido tambem para Cabeceiras, pela Povoa do Lanhoso, operaram então o movimento envolvente de Cabeceiras, fazendo a infanteria uma descarga de reconhecimento. Momentos depois entrávamos na vila não encontrando nas ruas uma unica pessoa. A' frente de nós, esquecia-me dize-lo, haviam seguido varios automovefs com carbonarios. Quando entrámos em Cabeceiras eram 4 horas da tarde e ardiam já a casa do padre Domingos, a de um irmão e a de um outro reaccionario. Ninguem tentou abafar o incendio, tal a indignação causada pelo barbaro assassinato de meu tio e de outros conhecidos republicanos. As forças acamparam na praça onde meu tio morreu heroicamente, estabelecendo postos avançados nos limites da vila. Algumas casas e uma farmacia foram arrombadas e assim se obtiveram viveres para os soldados e os medicamentos necessarios para a Companhia de Saude que se instalou na referida farmacia.

— Mas ouvimos dizer que as forças levavam ordens para arrazar Cabeceiras ?

— Sim, se os rebeldes resistissem. Estes, porém, haviam já, como disse, abandonado a vila e encontravam-se dispersos pelas montanhas.

Deixe-me, porém, contar-lhe o que fiz logo que cheguei a Cabeceiras. Pouco depois de ali chegarmos soubemos que na vila se encontravam quatro familias que conseguiram escapar ás furias dos rebeldes. A aparição das forças incutiu-lhes animo e assim, momentos depois, estavam em contacto comnosco. O presidente da Camara, dr. Florencio, que se encontrava em Coimbra quando se deram os tristes acontecimentos que acabo de lhe narrar e que imediatamente havia partida para Cabeceiras, conseguiu arranjar-me alojamento na casa do regedor, a 3 kilometros da vila. Com efeito, segui para ali ás 8 horas da noite acompanhado de uma praça do 5 devidamente armada. No dia seguinte, pela manhã, fui novamente para Cabeceiras a fim de procurar o cadaver de meu pobre tio. Soube, então, que uma das quatro familias que se encontravam na vila o tinha feito encerrar em caixão de chumbo e o havia colocado numa das dependencias da igreja. Póde por isso calcular o profundo desgosto que senti por me sêr impossivel vê-lo pela ultima vez.

O funeral que se realisou no dia seguinte, foi imponente.

Nele se encorporaram os oficiais das varias unidades que se encontravam em Cabeceiras e as praças disponiveis empunhando ramos de flôres que o coronel Sarsfield havia mandado colher no jardim da Camara. A' beira do jazigo onde provisoriamente ficon o cadaver de meu tio, falaram o coronel Sarsfield, que foi eloquentissimo, o presidente da Camara e outros.

— Mas recordo-me de ter visto nos jornais que acompanharam o feretro 2:000 pessoas e v. disse-me ha pouco que apenas tinham encontrado na vila quatro familias . . .

— O caso explica-se. Os revoltosos obrigaram a segui-los quasi todos os habitantes de Cabeceiras. Muitos destes que nada tinham com o movimento, vieram a pouco e pouco para a vila por saberem que encontrariam protecção nas forças republicanas. Foram estes juntamente com alguns habitantes de outros conselhos que se incorporaram no feretro.

— Diga-nos agora como se cometeu o assassinato de seu tio.

— Meu tio tinha recebido a denuncia de que em Cabeceiras havia armamento escondido. Procedeu ás necessarias deligencias para a sua descoberta e, na vespera dos acontecimentos, desejando telegrafar para o governo civil de Braga, soube que as linhas tinham sido cortadas. Dirigiu-se então ao secretario de Finanças do concelho, seu amigo dedicado, e pediu-lhe que lhe emprestasse a pistola e competentes cargas.

Pouco depois tomava logar num carro a fim de se transportar a Rossas e pedir a um amigo a cedencia do seu automovel para o conduzir a Braga. A meio caminho, porém, o cocheiro temendo um ataque, recusou-se a marchar e meu tio teve de fazer o trajecto a pé. Partiu depois, efectivamente, para Braga, mas ali o governador civil, não lhe podendo ceder força alguma, mandou-o á policia pedir armamento. Pouco depois regressava a Cabeceiras, levando no automovel 6 carabinas e munições. Em Cabeceiras soube que a população se achava revoltada, tendo sido ferido com duas balas, pelo filho do dono do hotel onde se achava hospedado, o secretario de finanças e que os poucos republicanos da vila tinham fugido para Fafe. Procurou então um outro hotel e ali almoçou indo depois passear para a praça com dois amígos armados de carabina.

Do cimo de uma das montanhas que circundam a vila, deram, acto continuo, a primeira descarga sobre meu tio e os seus companheiros. Estes correram a alojar-se numa casa proxima instando com meu tio para os acompanhar, sendo, porém, baldados todos os seus esforços. Meu tio, detraz de uma arvore, disparava incessantemente sobre os revoltosos que respondiam com descargas cerradas. Em breve, porém, uma bala entrava-lhe pelo ombro e atravessava-lhe os dois pulmões. Meu tio não poude resistir mais. Dirigiu-se a casa de uma das quatro familias que ficaram na vila e de que já falei e tirando o casaco, pediu para o ligarem. Vendo aproximar-se a morte dizia ainda com o maior sangue frio, que os ferimentos não tinham importancia. Meia hora depois expirava, dizendo-se que as suas ul/imas palavras foram de maldição para os bandidos que o tinham assassinado.

* * *

Quando nos despedimos de Carlos Mendonça, sentimos os olhos marejarem-se-nos de lagrimas pela visão de esse amigo querido, morto gloriosamente no seu posto de honra. Todos nós, os que o conheciamos, por mais de uma vez tinhamos admirado o seu profundo despreso pela morte, que aos 40 anos o veio arrebatar ao seio da familia e ao convivio dos seus amigos, pela forma tragica porque acabamos de o narrar.

Rui da Cunha e Costa.

Rodrigo Soriano

Tem sido de um admiravel dedicação por Portugal, o ilustre deputado republicano hespanhol que tem acompanhado de *visu* os acontecimentos da fronteira. O seu testemunho tem sido fulminante para as revoltantes habilidades do sr. Canalejas e para a indecorosa cumplicidade das autoridades do paiz visinho.

Rodrigo Soriano, que é hoje um nome querido dos portuguezes, merecedor da nossa gratidão, tem dirigido a Canalejas telegramas de protesto contra a protecção dispensada aos conspiradores, que são verdadeiros libelos da parcialidade indecorosa do governo hespanhol.

O seu valente jornal, a *España Nueva*, tem feito ao mesmo tempo uma larga e completa reportagem da incursão, publicando artigos primorosos em defeza da Republica Portugueza, da justiça e da rasão que nos assistem.

Viva Rodrigo Soriano !

14 DE JULHO

A TOMADA DA BASTILHA

Mais um aniversario do glorioso feito da Revolução Franceza. Nesse dia, que hoje é de festa nacional em França, o povo de Pariz armou-se ao grito de *á Bastilha!* e tomou a sinistra prisão, simbolo da tirania do absolutismo e do privilegio medieval, depois de uma luta de curta duração. Foi o principio do triunfo popular e uma das mais festivas datas da grande Revolução.

A colonia franceza em Lisboa comemorou o aniversario do historico acontecimento, havendo em sua honra uma tourada no Campo Pequeno a que assistiu o sr. Presidente da Republica.

A Republica Portugueza, a França e o sr. Manoel de Arriaga, foram entusiasticamente aclamados.

A INCURSÃO COUCEIRISTA

Os bandidos ainda mexem

Os conspiradores ainda mexem. O complot descoberto em Evora por alguns dedicados republicanos e as sublevações que se teem dado em varias terras do paiz, demonstram-no á evidencia. Em Evora os conspiradores contavam com uma adesão de bastantes elementos militares tendo-se efectuado já prisões importantes.

Da fronteira sabe-se apenas que os couceiristas em grupos de cincoenta teem atacado os postes avançados das forças republicanas sendo sempre repelidos com bastantes baixas. Um telegrama de Tui para o ministerio dos negocios estrangeiros, diz que os chefes conspirateiros pensam em fretar um navio que conduza a malta para o Brazil. Em Orense foi apreendido aos paivantes grande quantidade de armamento e munições.

= Os tribunais militares que hão-de julgar os individuos incursos na lei de 30 de abril, devem começar a funcionar ainda esta semana.

= O *Diario do Governo* publicou ontem um decreto criando tres tribunais militares em Lisboa, Porto e Coimbra e uma portaria proíbindo que os individuos não investidos de autoridades, procedam a prisões ou buscas domiciliarias, fóra dos casos expressamente consignados na constituição.

NO DISTRITO

O distrito de Aveiro continua no meio do maior socego. Apenas em Fermentelos um pequeno grupo de individuos soltou ha dias vivas á monarquia e a Paiva Couceiro, sendo o socego prontamente restabelecido pela autoridade administrativa. Em todo o o caso marchou para ali,domingo,uma força militar sob o comando do sr. tenente Figueira, retirando, porém, pouco depois por já não ser necessaria. Efectuaram-se algumas prisões.

= Foram remetidos ao poder judicial uns individuos que no Bunheiro soltaram vivas á monarquia.

= Em Aveiro acham-se detidos para averiguações, os srs. dr. Alvaro d'Ataíde e Antonio Ferreira. Essas averiguações estão quasi concluidas.

= De Eixo tambem vieram para o comissariado de policia o padre Manuel Pericão e uma creada deste, e Avelino Figueiredo.

= Teem sido muito elogiadas as autoridades, pela forma energica mas prudente como teem procedido.

Paiva Couceiro

Como ele cumpriu a sua palavra...

O sr. dr. João de Menezes publicou ha dias na *Luta* as seguintes cartas de Paiva Couceiro, a primeira das quais dirigida ao governo provisorio e a segunda ao proprio sr. dr. João de Menezes:

Ao governo provisorio—Reconheço as instituições que a nação reconhecer, porque —antes da proclamação da Republica— ponho a patria acima de tudo, e **sou contrario á desordem e ás lutas fraticidas.** Abandono as fileiras do exercito, porque o soldado que durante uma já longa existencia tem vertido o sangue do corpo e da alma pela bandeira azul e branca, onde as quinas e os castelos retraçam a historia gloriosa de Portugal—não tem forças para largar o simbolo sacrosanto que desde sempre se habituou a trazer plantado no intimo do peito. Como cidadão— **permanecerei fiel, em espirito e em actos,** á crença do resurgimento nacional, **pela paz** e pelo trabalho de todos os portuguêses, unidos numa só consciencia da nação que quer viver honrada, independente e progressiva. Patria e Liberdade!—Outubro, 8-1910.—*H. de Paiva Couceiro.*

=†=

21 de novembro,—*Meu ex.mo amigo.*— Vi-me proposto ou indigitado ou quer que seja, no jornal, para umas comissões do ministerio do ultramar. Na hipotese disso realmente significar propositos efectivos, entendo, visto que agora sou cidadão livre e não funcionario, que contaram, e contaram bem, com a minha boa vontade de não me negar ao trabalho quando o julguem necessario. Mas dá-se o caso de que preciso tratar da minha vida, e tenho o tempo tomado todos os dias do 1[2 dia ás 4 1[2, etc. Como não desejo que uma negativa seja tomada á conta de má vontade, antecipo-me pedindo-lhe o favor—se isso está nas suas mãos—de interceder por fórma a que pelos motivos expostos se esqueçam de mim.

Sabe bem que desejo do fundo do coração que a Republica conduza a bom porto esta avariada náu, e que não é portanto por espirito de antipatia que me esquivo, embora na verdade a Republica se esteja apresentando por hora—como o caso da bandeira o prova—um tanto verde . . . e vermelha. Gente de paz, como eu, gosta de tempos mais claros. Mais brancos e mais azues. Emfim, se me puder fazer o favor que peço, agradeço.—Amigo certo, *Paiva Couceiro.*

DR. CORREIA MENDES

Encontra-se em Aveiro, tendo-nos dado o prazer da sua visita, o sr. dr. Correia Mendes, director do nosso colega *Noticias da Beira*, de Castelo Branco. O sr. dr. Correia Mendes, que é um professor distintissimo, veio a esta cidade a fim de presidir aos exames de saída do nosso liceu.

Cumprimentamo-lo afectuosamente.

Adeantamentos! Adeantamentos!

Viva a monarquia!

Recordemos;

Debito verificado pela comissão que apresentou a liquidação em 1895 . . .	227.000$000 rs.
João Franco em 1890 . . .	40.000$000 »
A. J. da Cunha, Dias Ferreira e Fuschini (91-93) . . .	160.000$000 »
Hintze Ribeiro (1894-1896) .	369.000$000 »
Espregueira (99-900 e 904-905)	376.500$000 »
Anselmo de Andrade (1900) .	31.500$000 »
Matoso Santos (1901-1903) .	896.000$000 »
Teixeira de Sousa (903-04 e 906)	164.000$000 »
Rodrigo Pequito (1904) . . .	107.000$000 »
P.ª Garcia (1906)	1.800$000 »
Schroeter (1906)	28.000$000 »
Martins de Carvalho (1907). .	121.000$000 »
Total	2.521:800$000 »

Um cadaver

Apareceu ontem á tona da agua, na nossa ria, paoximo do Rocio, o cadaver de um rapaz de 10 ou 12 anos, em manifesto estado de decomposição. A autoridade investiga a fim de averiguar se houve crime. O cadaver não foi ainda reconhecido.

Recordemos:

O ultimatum; as condenações de 31 de janeiro;

— A lei de 13 de fevereiro;

— As tranquibernias eleitorais do Peral e da Azambuja;

— As negociatas dos Tabacos;

— A questão dos Sanatorios;

— A questão Hinton;

— Os adeantamentos;

— A ditadura franquista;

— Os morticinios de 4 de maio, 1 de dezembro, 18 de junho e 5 de abril;

— As perseguições ás associações secretas;

— As obras nos paços reais;

— Os ronbos do Credito Predial, etc., etc., etc.

E restaure-se a monarquia!

EXCURSÃO

Em virtude de no proximo domingo se realisar o funeral de João Mendonça, ficou adiada *sine die* a excursão a O. de Azemeis que o grupo *Talabricense* havia projectado para esse dia.

Francisco M. Couceiro da Costa

A cidade acaba de perder um dos seus filhos mais ilustres. Francisco Manuel Couceiro da Costa, fidalgo com toda a acepção da palavra, chefe de uma respeitavel familia, numerosa e distinta, gosava da consideração de todos os aveirenses que por ele tinham a mais respeitosa estima. O seu funeral, foi bem a prova de quanto ele era venerado nesta cidade que, como dissémos, se honrava de o contar no numero dos seus mais ilustres filhos.

A redacção da *Liberdade* apresenta é familia Couceiro da Costa a expressão sentida das suas condolencias.

Seguem alguns dados biograficos do extinto :

Nasceu em Aveiro a 16 de setembro de de 1819 e sucedeu a seu pae Luiz Couceiro da Costa um dos bravos da guerra peninsular, na casa e vinculo de Vilarinho, na freguezia de Caria, de que foi o ultimo administrador em 1848.

Por administradores desto vinculo, cuja origem vem dos meados do seculo XV, a principiar em Diogo Vaz Couceiro, a quem D. Afonso V fez mover do padroado da egreja de S. Julião de Cacia por relevantes serviços prestados á patria andaram sempre nos primeiros cargos da governança em Aveiro, em tempos idos e ocuparam no exercito e nas armadas, nas descobertas e nas conquistas dos portuguêses primacial, servindo depois brilhantemente na India e no Brazil onde desempenharam elevados cargos de magistratura e dos governos destes estados. Mais tarde distinguiram-se imenso nas campanhas do Roussilon e da Peninsula. Trouxeram por armas o mesmo brazão, que agora coberto de crepes, se vê no cunhal da casa da rua do Gravito; escudo partido em pala nas primeiras tres couceiras entre as cabeças de dois leões, e na segunda seis costas de prata, postas em tres faxas.

Apesar de muito novo ainda, Francisco Couceiro assistiu ao desenlace da luta entre constitucionais e miguelistas. Seu pae que era coronel do Batalhão de Voluntarios Realista de Aveiro foi um dos vencidos, mas não transigiu com a nova ordem de cousas resultante do triunfo das primeiras. Conservou entemerata a sua fé politica, qua principiou logo de lhe encutir no animo juvenil. A esse credo se conservou tambem fiel o herdeiro de seu nome, o que não obstou que transigisse com tudo que representava progresso para o paiz ou melhoramento para o seu Aveiro. Aliou-se por vezes com os homens do partido liberal mesmo os de ideias mais avançadas, o sr. Francisco Manuel Couceiro, *bernardeou* com eles e serviu com eles em comissões publicas, batalhou com eles nas lutas eleitorais e com eles viveu como amigo desinteressado e bom.

Foi por vezes procurador da junta geral, vogal do conselho de distrito, e de diferentes comissões de agricultura, geriu o municipio como seu presidente em 1892 mostrando em tudo apreciaveis dotes de talento, administração e elevado criterio.

BEM ENTENDIDO

O sr. Antonio Maria Beja da Silva, digno administrador do concelho e comissario de policia do distrito, mandou afixar editais proíbindo, entre outras coisas, que as tabernas se conservem abertas depois das 21 horas e o uso do gabão com o capuz pela cabeça. Tal medida não póde deixar de merecer a nossa completa aprovação.

Funeral de Mendonça Barreto

Convite

O Grupo de Defeza da Republica da Cidade de Aveiro, cumpre o doloroso dever de convidar todas as entidades oficiais, associações, centros politicos, comissões politicas e administrativas e o povo em geral, a assistir aos funerais do nosso infeliz conterraneo João Augusto Mendonça Barreto, assassinado pelos revoltosos de Cabeceiras de Basto, no seu posto de administrador daquele concelho.

O Cortejo funebre organisar-se-ha na rua da Estação do Caminho de Ferro pelas 14 h. e meia de domingo, 21 do corrente, dirigindo-se ao cemiterio desta cidade, onde falarão alguns oradores.

O Grupo de Defeza da Republica pede a todos se dignem dar o seu concurso á ultima homenagem que em nome da Patria se vai prestar a um martir da Republica que soube morrer como um bravo e como um heroi no cumprimento do seu dever.

As associações deverão conduzir os seus estandartes e insignias.

*

A ordem do cortejo será oportunamente distribuida.

*

Toilete á vontade. Gravata preta.

Aveiro, 15 de julho de 1912.

Pelo Grupo de Defeza da Republica,

Bernardo Torres.

=†=

CONVITE

A Redacção da Liberdade *convida o povo a encorporar-se no cortejo que no proximo domingo 21 do corrente, pelas 14 h. e meia, acompanhará o feretro do seu infeliz amigo e chorado correligionario João Augusto de Mendonça Barreto, barbaramente assassinado pelos rebeldes de Cabeceiras de Basto, desde a Estação do Caminho de Ferro até ao cemiterio desta cidade.*

A Redacção.

=†=

AVISO

O Grupo de Defeza da Republica julga ter dirigido convites especiais a todas as associações politicas e de recreio, camaras municipais, comissões politicas e alguns funcionarios publicos etc.

No entanto e para que ninguem se possa julgar desconsiderado, por não ter recebido convite especial, atribuindo ao Grupo, propositos que ele não teve, vimos declarar que se devem considerar como convidados todas as entidades a quem o Grupo por esquecimento se não dirigiu.

O presidente,

Bernardo Torres.

Edital

O sr. Julio Cesar Ribeiro d'Almeida, ilustre governador civil de este distrito, mandou ontem afixar nos principais logares publicos, o seguinte edital :

Julio Cesar Ribeiro d'Almeida, 1.º Tenente d'Armada e Governador Civil efectivo do distrito de Aveiro, etc :

Para conhecimento de todos os cidadãos, faço publica a seguinte portaria de s. ex.ª o Ministro do Interior, cuja execução deverá ser rigorosamente mantida neste distrito :

Tendo sido informado de que, nos ultimos dias, alguns individuos não investidos de autoridade teem arbitrariamente procedido a buscas domiciliarias e a prisões fóra dos casos expressamente consignados na Constituição com grave prejuizo da segurança e com desprezo das garantias individuais dos cidadãos, manda o Governo da Republica Portuguêsa, pelo ministro do interior, que ás autoridades seja suscitada a observancia das leis vigentes, tornando-se publico por editais convenientemente afixados, que serão impostas as penas da lei aos autores e cumplices de semelhantes abusos.

Paços do Governo da Republica, em 16 de julho de 1912.—O Ministro do Interior, —*Duarte Leite Pereira da Silva.*

Dado e passado no Governo Civil do Distrito de Aveiro, em 17 de julho de 1912.

Julio Cesar Ribeiro de Almeida.

A grande acumulação de original referente aos ultimos acontecimentos, forçou-nos a retirar este numero, quasi todas as nossas secções habituais.

E' um numero de recordação que julgamos ter a maior oportunidade.

Agueda

MOURISCA, 12

(RETARDADA)

Deu-se ha pouco um desastre na pessoa do conceituado comerciante Evaristo Miranda Feijão que nos deixou bastante penalisado. O caso passou-se da seguinte forma: Hontem, quando regressava pelas 21 horas de guarda a uns pinhais para onde tinha seguido com uma arma caçadeira, no momento em que a tinha em descanço, sobre um banco, ao conversa com alguns amigos, esta, resvalalhe ao chão batendo com os ferros na extremidade do banco, tendo o di-

Todos os ómens e meninos podem vestir com elegancia e perfeição pelos figurinos e moldes de Londres desde que peçam as amostras ao

Old England

Rua Augusta--**LISBOA**

Faz os fatos SEM PROVA e restitue a importancia ao cliente que não ficar satisfeito.

Peçam amostras, catálogo e jornal que são enviados gratis

Old England--Lisboa

Tem todos os artigos para ómens e meninos, desde o chapeu até ás meias.

A LIBERDADE

Jornal Republicano Democratico

AVEIRO

Diretor-ALBERTO SOUTO

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.
Não se devolvem autografos.
Não se aceita colaboração que não seja pedida.
Não se publicam informações anonimas.

ASSINATURAS

Portugal, Espanha e Colonias Portuguezas

Ano . . . . . 1$400 réis
(Semestre, 700 réis; trimestre, 350 réis; avulso, 30 réis; ou 140, 70, 35 e 3 centavos.)
Brazil (moeda forte) outros paizes da União Postal . . . 2$500 réis
(Cobrança adeantada)

ANUNCIOS

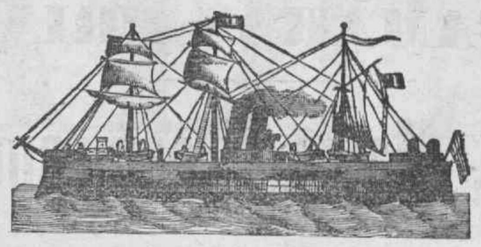
Linha . . . . . 40 réis
Annaes, contrato com a administração.

Redação e administração
AVEIRO
Praça Luiz Cipriano e R. dos Tavares-1.º andar
(abertas todos os dias das 21 ás 24 horas)

Oficinas Tipograficas
P. Luiz Cipriano e R. dos Tavares—rez do chão.
(abertas todos os dias uteis das 8 ás 19 horas)

Impressão a vapor
LARGO CAMÕES
Administrador
RUI DA CUNHA E COSTA

Hamburg Suedamerikanische Dampfschiffahrts Gesellschaft **HAMBURG-AMERIKA-LINIE**



AGENTES EM LISBOA:

HENRY BURNAY & C.ª

Madeira, Pará e Manáos

Paquetes regulares duas vezes por mez nos dias 4 e 21 ou 23 de cada mez.

Maranhão, Ceará e Parnahyba

Serviço regular mensal entre 23 e 25 de cada mez.

Paranaguá, Desterro, Rio Grande do Sul, Pelotas e Porto Alegre

Saída de 2 ou 3 paquetes por mez.

N. B.—Todos estes paquetes dispõem de magnificas acomodações para passageiros de 1.ª e 3.ª classe, sendo o tratamento de primeira ordem, comida á portugueza, vinho a todas as refeições, medico, etc., etc.

Para passagens, etc., pedir informações aos agentes

Henry Burnay & C.ª

Rua dos Fanqueiros, 10—LISBOA

Telefone 172

to sr. Evaristo a infelicidade de, no momento da queda, ficar com a mão decepada pelo desarmamento da arma. Prestaram-lhe os devidos socorros os srs. drs. Albano Pereira, Eduardo Bastos e Mateus Ala.

= O comboio n.º 10 do Vale do Vouga, chocou ha dias com um carro de bois no sitio da Alagôa, ferindo gravemente o carreiro Antonio Augusto Ferreira e os animais, rebentando as pipas com vinho que o carro conduzia.—*C.*

HOTEL
EM
VALE DA MÓ

Abriu no dia 1.º de julho em Vale da Mó o *Novo Hotel União*, de que são proprietarios os srs. **Ferreira & Alegre,** que se comprometem a bem servir os seus estimados freguezes.

Os frequentadores daquela aprazivel estancia daguas ferreas encontrarão no novo hotel boa meza, quartos confortaveis e asseados e modicidade de preços.

Para pedidos de aposentos dirigir a **Ferreira & Alegre, ANADIA — Vale da Mó.**

VENDEM-SE 3 toneis de 12 pipas cada. Quem pretender dirija-se a Luiz da Naia e Silva—**Aveiro.**

Arrematação

(1.ª publicação)

POR deliberação dos interessados, nos autos de inventario de maiores, a que neste Juizo e cartorio do escrivão do 4.º oficio—Flamengo, se procedeu por falecimento de José de Bastos, solteiro, proprietario, que foi morador na freguezia de Esgueira, desta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal Manuel de Bastos, casado, artista, irmão do falecido, residente na mesma freguezia, vai pela primeira vez á praça, no dia 28 do corrente mez, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na Praça da Republica desta cidade, para ser arrematado por quem mais oferecer acima da sua avaliação, que é o preço por que vai á praça, o seguinte predio pertencente á herança do inventariado:

Uma propriedade rustica e urbana, composta de casas altas, quintal com arvores de fruto, e demais pertenças livre e alodial, sita na rua da Cruz, da freguezia de Esgueira, no valor de réis 630:000. Toda a contribuição de registo por titulo oneroso e demais despesas da praça são por conta do arrematante.

Pelo presente são citadas todas e quaisquer pessoas incertas que se julguem interessadas na alodida arrematação para virem deduzir os seus direitos, nos termos da lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 8 de julho de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Regalão.

O escrivão do 4.º oficio,
João Luiz Flamengo.

Regimento
DE
Cavalaria n.º 8
ANUNCIO

O conselho administrativo deste regimento faz publico que no dia 20 do corrente, pelas 12 horas, se procederá na parada do quartel do mesmo regimento, á venda em hasta publica de um cavalo julgado incapaz para o serviço do exercito.

Quartel em Aveiro, 12 de julho de 1912.

O secretario do conselho,
Carlos Gomes Teixeira.
(Tenente da administração militar)

Na anemia, febres palustres ou sezões, tuberculose

e outras doenças provenientes ou acompanhadas de FRAQUEZA GERAL, recomenda-se a

Quinarrhenina

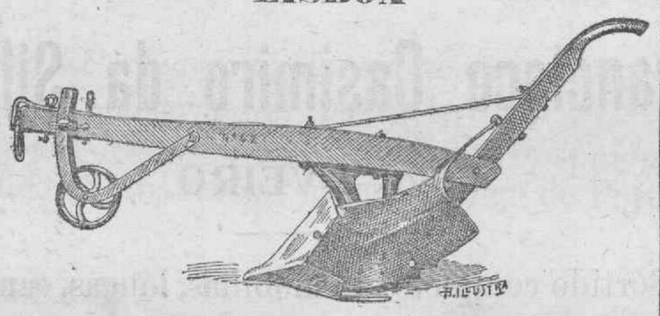
EXPERIENCIAS feitas por inumeros clinicos nos hospitais do paiz e colonias confirmam ser o tonico e febrifugo que mais sérias garantias oferece no seu tratamento. Aumenta a nutrição, excita fortemente o apetite, facilita a digestão e é muito agradavel ao paladar.

Instrucções em portuguez, francez e inglez. A' venda nas boas farmacias.
Em Aveiro—**Farmacia Reis.**
Em Anadia—Farmacia Maia.
Deposito no Porto—Farmacia Rica, Rua do Bonjardim, 370. Deposito geral—Farmacia Gama, C. da Estrela, 118—Lisboa.

Tosses Curam-se com as *Pastilhas do Dr. T. Lemos.* Depositos: os mesmos da **Quinarrhenina.**

Empreza Industrial Portugueza
SECÇÃO DE AGRICULTURA

Rua Vasco da Gama, 1 a 13
Avenida das Côrtes, 47 a 49
LISBOA



Completo sortimento de *charruas* para toda a qualidade de lavoura, terreno ou força.

Rêlhas de ferro especial temperado ou aço. Grande deposito de *peças* de sobrecelente, moldadas mecanicamente, para completa garantia de ajustamento. Preços e qualidades sem competencia alguma, devido ao que se acha largamente espalhado o nosso material por todo o país.

Importação direta de todos os *aparelhos* da melhor reputação conhecida para a nossa agricultura, como: *ceifeiras* simples ou atadeiras, *gadanheiras, respigadores, descaloladores, tararas, escolhedores* de semente, *enfardadeiras* para força manual, a gado ou a vapôr, *bombas* para poço, rega ou trasfega de vinho, azeite, etc. *Automoveis* economicos, de 1.ª qualidade.

Remete-se a quem pedir, *catalogos, informações* ou *orçamentos*, escrevendo para

Rua Vasco da Gama, 1 a 13—Avenida das Côrtes, 47 a 49

Lisboa

Escritorio de Advocacia e Procuradoria

Assuntos forenses, comerciais e civis

Sob a direcção dos advogados:

Carlos Barbosa
=E=
Chaves de Almeida

R. Augusta, 100-2.º—LISBOA

Telefone 2650

Este escritorio trata de quaisquer causas em todos os tribunais e instancias.

Encarrega-se tambem da administração de bens, cobrança de dividas, publicação de anuncios no *Diario do Governo*; averbamentos na Junta de Credito Publico, Bancos e Companhias; processos de liquidação de seguros, acompanhamentos de pretenções em repartições publicas; legalisação de documentos, etc.

Brilhantina especial para goma crua

FRASCO, 240 RÈIS

Livraria Central e Papelaria
DE
Bernardo Torres

A LIBERDADE vende-se em Lisboa, na tabacaria Monaco, ao Rocio.

URNAS FUNERARIAS

DEPOSITO d'urnas funerarias dos mais modernos gostos, de diferentes madeiras e formatos.

Fundições, da melhor execução, duma casa do Porto.

Elegancia e preços sem competencia.

Manuel Pereira de Rezende

PRAÇA DE PARDELHAS

ESTARREJA

Ricardo da Cruz Bento

Praça do Peixe

AVEIRO

Estabelecimento de mercearia, azeite, bolachas, vinhos finos e de meza.

Breu preto, louro e cru. Azeite de peixe. Utensilios para amanho de barcos. Cordoame e poleame.

Licôres e aguardente.

Papelaria, objectos de escritorio e diversas meudezas.

PADARIA MACEDO

Praça do Comercio

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade, bem como pão espanhol, dôce bijou abiscoitado, e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolachas das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz, chá de diversas qualidades, assucares, esterinas, vinhos finos.

Café, especialidade desta casa, a **720** e **600 réis** o kilo.

Oficina de pintura
Modelação em gesso

Joaquim Ferreira Barreto (O VIDINHA)

Rua Domingos Carrancho (Cinco Ruas)

AVEIRO

N'ESTA oficina executam-se todos os trabalhos de pintura com a maior perfeição e arte, tais como: taboletas para estabelecimentos, desde o mais simples ao mais complicado trabalho; pintura de bicicletas. cofres, camas, lavatorios, jarros, baldes, regadores, bidets, banheiras, candieiras de suspensão, de parede, etc., e outras miudezas que careçam de pintura. Além dos trabalhos citados, encarrega-se da pintura de camas, por mais deterioradas que estejam, mandando-as concertar, e substituindo os metais velhos por novos. Tambem na pintura de bicicletas se esmera em servir bem as seus ex.mos freguezes pelo bom acabamento e perfeição.

O proprietario desta oficina achava-se habilitado a todos os trabalhos que lhe forem confiados, não só em pintura como em modelação, fundição em gesso e reprodução em bustos, medalhões, etc. Encarrega-se tambem de obras com pintura e estuque, fornecendo para as mesmas os ornamentos precisos, para ornamentação de salas, quartos e outras dependencias, para o que possue um grande e variada numero de cantoneiras, florões, folhas, rendilhos, etc. Tambem faz modelos novos, por desenhos, a gosto dos clientes ou do proprietario da oficina, e fornece ornatos fundidos e apurados prontos a assentar em qualquer obra ainda que lhe seja estranha! Faz imitações muito aproximadas do natural (fingido) em qualquer qualidade de pedra, marmore ou granito, e bem assim em madeira.

Exposição permanente de originais em gesso e de algumas fotografias de diversos trabalhos feitos pelo proprietario desta oficina, os quais poderão ser apreciados pelos seus freguezes.

Pede, pois, aos seus ex.mos clientes que visitem o seu estabelecimento, onde encontrarão economia e perfeição no serviço de que fôr encarregado, para o que está habilitadissimo.

Preços sem competencia

Tabela de preços da pintura de bicicletes

Quadro, rodas e guarda-lamas	*2$000 réis*
Vindo já convenientemente raspadas e lixadas	*1$800 »*
Quadro e rodas	*1$800 »*
Já convenientemente raspadas e lixadas.	*1$600 »*

Sem filetes, menos 200 réis. Sendo desarmada e armada nesta oficina, mais 200 réis.

A pintutura é feita ao gosto do freguez, responsabilisando-se o proprietario da oficina pelo bom acabamento.

Fabricas de gelo

CAMARAS FRIAS

J. Matos Braamcamp

Engenheiro de Frigorificos

Rua Aurea, 232, 1.º—LISBOA
Rambla del Centro, 14—Barcelona

Instalação completa de Leitarias—Fabricas de cerveja—adegas—fabricas de chocolate, etc., etc.

Algumas referencias: Fabrica de cerveja JANSEN; Fabrica de Conservas BRANDÃO GOMES; Fabrica de Gelo de Santarem, Angra, Faro, Beja, Evora, Figueira, Coimbra, etc. A NUTRICIA, de Lisboa; Grande Hotel de Vidago; Escola Medica de Lisboa, Assistencia Nacional aos Tuberculosos; Grande Frigorifico de Bilbao, etc.

BOMBAS COM MOTOR

MUITO ECONOMICAS

Luz electrica

Nas casas de campo, aldeias e vilas

Ultima palavra — **Fafnir**

Algumas referencias: **José Tavares da Silva Rebelo—SALREU, ESTARREJA. J. Carlos Barros, engenheiro electricista—FIGUEIRA DA FOZ.**

Motocicletes N.S.U.

A melhor, a mais elegante, a mais duravel, a mais simples, as unicas que venceram as grandes corridas do Porto a Lisboa.

O agente nos distritos de Aveiro e Vizeu:

Miguel Marques Henriques

Albergaria-a-Velha

HOTEL CISNE

Rua 5 de Outubro

AVEIRO

Magnifica instalação. Casa apropriada, junto á ria, em caminho para as praias da Barra e Costa Nova. Quartos com aceio e magnificas vistas.

PREÇOS MODICOS

PROFESSOR DE FRANCÊS

Ensina na sua casa e na dos alunos.

Nesta redacção se informa.

Colegio Moderno

P. Marquez de Pombal

AVEIRO

A direção deste colegio montado nas melhores de mais modernas condições pedagogicas, de higiene e de conforto, para o que possue pessoal habilitado e casa no ponto mais salubre da cidade, recebe todas as meninas que procurem casa de educação e ensino, garantindo-lhes a melhor instalação e as melhores condições de aproveitamento.

Alberto João Rosa

Rua Direita-AVEIRO

GRANDE armazem de drogas e ferragens. Tintas e oleos de primeira qualidade. Vidraça, cobre, chumbo e arame. Adubos quimicos e organicos. Sulfato e enxofre.

Livraria Central e Papelaria

DE

Bernardo de S. Torres

Praça do Comercio

AVEIRO

Livraria, papelaria e oficina de encadernação. Grande sortido de papeis nacionais e estrangeiros. Objectos para escritorio, desenho e pintura. Tabacos nacionais e estrangeiros. Livros em branco para escrituração comercial. Artigos para brindes. Chá em pacotes.

Deposito de tintas para escrever, marca **D. Pedro IV**.

Fornecimentos para escolas.

Sempre novidades em bilhetes postais ilustrados e com vistas de Aveiro.

Cervejas e gazozas,

Cordas para instrumentos.

Carimbos de borracha, metal e sinetes para lacre.

Sabonetes nacionais e estrangeiros.

Pós e pasta para dentes.

Loções para o cabelo e perfumarias.

AGENCIA DE JORNAIS

Deposito de moveis, colchoaria e marcenaria

DE

Francisco Casimiro da Silva

Côjo—AVEIRO

Sortido completo em mobilias, louças, camas, tapetes, etc.

Oficina para execução de colchões, com pessoal habilitado.

Todos os artigos para mobilar casas.

Oficina, a melhor no genero, de marceneiro.

Executa qualquer mobilia por catalogos.

Espelhos e cristaes. Louças finas e bijouterias.

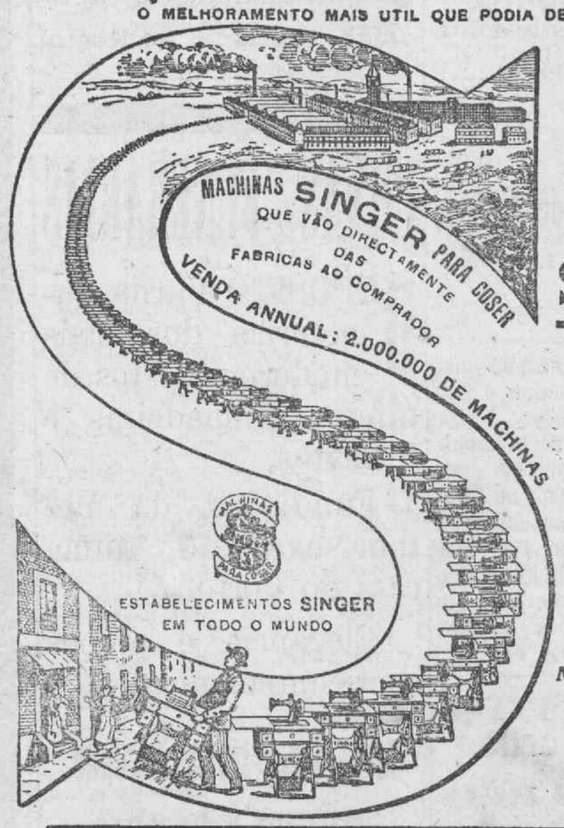
PREÇOS MODICOS

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

AVEIRO—Avenida Bento de Moura; **ILHAVO**—Praça da Republica; **OVAR**—Rua Elias Garcia, 4 e 5.

Novidades para verão

Eduardo Osorio

56, Rua dos Mercadores, 60=13, Rua Mendes Leite, 21

AVEIRO

ABERTURA DA ESTAÇÃO

com um variado e grande sortido, escolhido nas principais casas.

Tecidos de alta novidade em algodões, lãs e sêdas para vestidos.

Grande variedade em sêdas e guarnições.

Blouses, echarpes, sombrinhas e cintos, grande sortido.

Grande deposito de espartilhos, ultimos modelos.

Kimonos, a maior novidade, grande sortido.

PREÇOS MODICOS

Enviam-se amostras

Motos F. N.

A quem procure empanar o colossal triunfo da moto **F. N.** *conquistado na corrida Porto-Lisboa, atribuindo o sucesso ao incendio na maquina do concorrente, podemos responder triunfantemente que nesta corrida não só se punham á prova as velocidades de cada maquina, como tambem a sua construcção. E essa corrida veio demonstrar a invencivel superioridade da marca* **F. N.** *sobre todas as outras, porque só ella, com a sua sólida construcção, poderia resistir a todas as eventualidades que surgem num percurso tão longo, sobretudo numa epoca de tão rigorosa invernia.*

Agente exclusivo da marca **F. N.** no distrito de AVEIRO,

Joaquim Guerra—AGUEDA

Estação de Verão

A ELEGANTE

FAZENDAS E MODAS

Camisaria E gravataria

=DE=

Pompeu da Costa Pereira

Rua de José Estevam, 52 e 54
Rua de Mendes Leite, 1, 3 e 5

AVEIRO

O proprietario deste estabelecimento participa ás suas Ex.mas clientes e ao publico em geral, que acaba de receber um enorme e variado sortimento de fazendas e outros artigos proprios da presente estação.

Preços modicos

Mercearia e confeitaria

Especialidade em vinhos do Porto e Madeira, cognacs e outras bebidas.

Variado sortido de frutas secas, queijos e chocolates.

Bolachas nacionaes e estrangeiras. Chá e café de qualidade superior.

DOMINGOS P. GUIMARÃES

RUA JOSÉ ESTEVAM

AVEIRO